

APRESENTAÇÃO

LITERATURA ESTRANGEIRA: TEMPOS, ESPAÇOS E VOZES EM DIÁLOGO

Escrever sobre literatura estrangeira significa pensar as múltiplas perspectivas que orientam tanto os processos de escritura como os de leitura.

Os textos literários redimensionam diferentes latitudes e geografias, temporalidades e momentos específicos, relacionando o particular e o universal, permitem, ainda, entrever, no percurso das palavras, as muitas vozes da cultura e da história e mesmo apresentar e refletir as mentalidades multifacetadas dos diferentes sujeitos. Nas relações estabelecidas entre as obras, os autores e os leitores repousa uma possibilidade interpretativa e diversificada da arte literária.

A voz do autor nos diz muito sobre cada época, porém, as formas de recepção da literatura, os interesses variados dos leitores, são também importantes para compreender o panorama complexo dos contextos literários. Afinal, escrevem-se, compram-se e leem-se obras que desafiam, aquietam, consolam ou, simplesmente divertem e, nessa dinâmica, os sentidos e valores da literatura vão sendo redefinidos.

Na reflexão sobre o percurso da literatura estrangeira lida e analisada por estudantes brasileiros é também possível identificar-se à pergunta formulada por Carlos Drummond de Andrade no poema “Procura da poesia”:

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sob a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível,

que lhe deres:

Trouxestes a chave?

E nos artigos relacionados neste dossiê, procura-se a chave para desvendar “as mil faces secretas” escondidas nos sentidos fluidos do estrangeiro, nos contextos multiformes de diferentes momentos históricos. Os novos heróis das trajetórias urbanas e cotidianas tornam-se os protagonistas de epopeias modernas, inusitadas e ambivalentes. A violência impressa na vida das cidades, as experiências dos deslocamentos e as memórias pessoais transformaram-se em relatos de heroísmo intimista, ecos de um processo de individuação e subjetivismo extenuados na contemporaneidade. Na tessitura das tramas, observa-se a problematização dos gêneros em prosa e a diluição dos limites que separariam os relatos comprometidos com a “verdade” e com a “ficção”. As memórias individuais, os testemunhos fragmentados da história, os relatos e as memórias se alternam na forma de romances ou contos, enfim, a literatura explicita jogos de construção, hibridiza os gêneros e confunde as categorias cristalizadas para apresentar outras, novas, ao leitor.

Essa ampla gama de interesses nos permite entender a arte em diferentes países, torna possível repensar os juízos de valor e refletir sobre certos conceitos que estigmatizam a cultura, adjetivando-a como superior, inferior, desenvolvida ou atrasada. Se enveredarmos por estes caminhos, podemos retomar o filósofo napolitano do século XVIII, Giambatista Vico que elabora uma perspectiva crítica a respeito da construção da História, partindo da observação da experiência das diferentes mentalidades humanas. Vico destaca que a cultura de um povo, seus mitos, lendas, produções artísticas, enfim, todo esse caudal representativo remete ao universo cognitivo que, uma vez compreendido, estabelece a ideia de identidade cultural.

A questão da imaginação será crucial na perspectiva filosófica de Vico quando afirma que apenas podemos conhecer aquilo que nós mesmos criamos. Quando nos deparamos com a produção imaginativa de outros sujeitos históricos é possível interagir com seus pensamentos, sentimentos e ideais. Os diferentes sujeitos separados geograficamente, possuidores de mentalidades e linguagens diferentes, assim como sujeitos pertencentes a culturas remotas, todos, poderiam ser percebidos pela força que imprimem em suas produções imaginárias.

No esteio do pensamento de Vico, a literatura nos permitiria uma ampla visão dos diferentes universos cognitivos e, sem privilegiar formas de identidade unívoca, conduziria à visão e à compreensão de uma perspectiva multifacetada dos sujeitos históricos. No entanto, para atingir a compreensão dessa amplitude histórica, favorecida pela obra literária, é preciso romper os limites

que aprisionam as categorias culturais, é necessário cruzar a fronteira entre o que se estabelece por cultura central e cultura periférica. Os diferentes textos que compõem os vários paradigmas culturais são perguntas e respostas em tempos passados e contemporâneos, são formas significativas para pensar todo o processo de compreensão mútua que fundamenta as relações de ensino e aprendizagem.

O resgate de críticas sociais, a expressão das memórias e da vitalidade do cotidiano são aqui pontos de partida, um “mosaico de textos” para pensar os diálogos da ficção com as verdades do tempo histórico e nos levar a uma circulação de ambientações e vidas variadas, abrindo-nos horizontes.

Passando à análise de um conto de Virgínia Woolf, “A viúva e o papagaio: uma história verídica”, escrito entre 1922 e 1925, já se pode comprovar a variedade contemplada neste volume. O enredo fantasioso contrasta com a violenta realidade dos textos libaneses. Uma viúva pobre recebe do irmão uma herança que, após penosa viagem constata ser uma casa em ruínas e um papagaio velho que passa o tempo gritando “não na casa”. A presença dessa ave, não muito comum num contexto europeu, tem seus ecos no conto de Flaubert, *Un coeur simple* (Um coração singelo), em que a criada Félicité tem seu afeto concentrado num papagaio herdado de um sobrinho e que depois de morto ela manda empalhar. Depois de um incêndio que acaba por destruir a casa, a viúva descobre que a verdadeira fortuna estava enterrada debaixo da casa, o que explica a frase repetida pelo papagaio herdado. Discute-se aqui categorias literárias do realismo maravilhoso e do realismo mágico e como estes elementos contribuem para a criação estética da escritora.

Aspectos do realismo maravilhoso são tratados no artigo de Isabelle Godinho Weber, intitulado “Realismo maravilhoso e figurações da personagem feminina em *A bruxa*, de Marie NDiaye”. O romance estudado incorpora fenômenos sociais e papéis de gênero pelo viés do insólito, elaborando um olhar reflexivo a respeito de mulheres feiticeiras. Observa-se ainda, nesse artigo, a análise de um contexto histórico e social bem definido: o cotidiano de uma família francesa pequeno-burguesa em que os conhecimentos e poderes insólitos da mãe, não inseridos na realidade de sobrevivência material e financeira da família não são levados em conta.

No artigo de Emmanuel Gonçalves Gomes, “Tempo e espaço como manifestações do desejo em *A invenção de Morel* e *The infernal desire machines of doctor Hoffman*”, também se observa a presença do elemento insólito, agora demarcado pelos aspectos que definem a literatura de ficção científica. As

obras estudadas, que pertencem a dois importantes autores do século XX, o argentino Adolfo Bioy Casares e a inglesa Angela Carter, procuram estabelecer, no âmbito da narrativa, uma correlação entre o conceito de desejo e seu efeito na representação do tempo e espaço.

A crítica social surge como elemento norteador do artigo “Las relaciones sociales de poder y su correspondencia con el espacio en *La ciudad y los perros*, de Mario Vargas Llosa”, de Carlos Giovani Dutra del Castillo. Os espaços da cidade e do colégio militar se sobrepõem e expressam uma síntese das relações sociais conflitivas da sociedade peruana. A variedade de narradores traz uma visão individualizada dos fatos contados, evitando a onisciência narrativa que se constitui em uma visão totalizadora da realidade.

No domínio da experimentação estética encontra-se, quase por definição, o escritor francês Georges Perec, que conseguiu o feito de escrever um livro dispensando o uso da letra “e”. Discute-se no artigo aqui apresentado uma obra sua que apresenta várias representações possíveis do espaço ficcional, através de textos de natureza diversa, que vão de aspectos teóricos a textos de caráter intimista.

No artigo de Marcela Santos Brigida, “Emily Dickinson e a cultura contemporânea: breves observações sobre mediação e intermedialidade a partir da década de 1950”, observa-se uma significativa discussão a respeito da influência exercida pela obra de Emily Dickinson sobre artistas de diferentes áreas, entendendo a poeta como uma precursora no cenário dos estudos interartes contemporâneos.

O experimentalismo estético surge ainda como discussão no artigo de Camila Hespagnol Peruchi, intitulado “Crise da forma, forma da crise: sobre o monólogo interior em *Ulysses*, de James Joyce”. Estuda-se aqui a técnica do monólogo interior como uma resposta aos problemas formais e históricos do século XX, demonstrando a formalização de uma verossimilhança psicológica e a expressão da experiência moderna da cidade.

O artigo de Herisson Cardoso Fernandes, “A sabedoria da incerteza como espírito do romance em Milan Kundera”, elabora uma reflexão sobre o romance, entendendo o gênero como possibilidade de alcançar reflexões sobre a condição humana inacessíveis a outros campos do conhecimento, tais como às ciências. A arte romanesca que comunga com noção de uma sabedoria da incerteza é vista à luz de reflexões propiciadas pela epistemologia do romance.

“O riso no templo: carnavalização e feminismo em Flannery O’Connor” analisa o conto “*A Temple of the Holy Ghost*” a fim de perceber o posiciona-

mento religioso católico e o caráter grotesco presentes na obra da autora. Recursos inseridos na ideia de grotesco como o riso, o rebaixamento e a carnavalização, partem dos conceitos desenvolvidos por Bakhtin (2013) e são caminhos críticos para refletir sobre os discursos fora do padrão,

No artigo “Islândia, a ilha do silêncio: o espaço melancólico de *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe” salienta-se que os aspectos referentes ao espaço literário são compostos de forma subjetiva e fruto da ficcionalidade. A análise do espaço permite uma reflexão sobre questões relacionadas aos dramas pessoais e também sobre as questões históricas e sociais. A Islândia, espaço particular e definido geograficamente, permite um olhar sobre a solidão humana.

Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães, em seu artigo “Guilherme Tell: os princípios românticos na literatura infantil”, evidenciou as principais características e funções da literatura infantil a partir da leitura da narrativa de Guilherme Tell, do escritor romântico Schiller. Nessa obra são apresentados aspectos como justiça social, o patriotismo, o nacionalismo, a honra, a dignidade e a coragem, traços positivos do herói romântico em defesa dos direitos dos oprimidos.

Luana de Carvalho Krüger no artigo “A sobrevivência entre ruínas nas histórias em quadrinhos de Zeina Abirached” estuda as obras *O jogo das andorinhas: morrer partir retornar* (2007) e *I remember Beirut* (2014) que apresentam como plano de fundo a guerra civil libanesa, ocorrida em 1975 e 1990 e, através de imagens, espaços de refúgio durante a fuga, ruínas que espalham destroços que o irmão e Chucrí colecionam, fragmentos de uma guerra que, literalmente, se desenha aos olhos do leitor, o literário convertendo-se em possibilidade e forma de sobrevivência. Não se pode deixar de ressaltar o recurso dos quadrinhos para colocar em pauta assuntos de importância crucial para o ser humano. A fundamentação teórica está nos estudos de Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman que nos leva a observar como as pequenas ações dos personagens apontam para distintas maneiras de resistência e sobrevivência durante o estado de guerra.

A descrição dos vários textos apresentados comprova o que se havia afirmado como ponto de partida sobre a variedade que traz o cultivo das literaturas estrangeiras e esperamos que essas leituras possam contribuir para a ampliação dos horizontes de nossos leitores.

PROFA. DRA. ANA LÚCIA TREVISAN

PROFA. DRA. GLORIA CARNEIRO DO AMARAL